Diário do professor do fim do mundo: corpo docente, corpo mutante, uma fabulação crítica

Diary of the teacher from the end of the world: instructor body, mutant body, a critical fabulation

Ivan dos Santos Faria[1]

Resumo

O presente trabalho surge como parte da matéria "Reescrituras cênicas e a crítica da violência ética em contar-se a si mesmo", ministrada pela Profa. Dra. Martha Ribeiro, no PPGAC UFRJ, no segundo semestre de 2025. Ao longo do curso, o grupo de pesquisadoras e pesquisadores teve a chance de elaborar escritas através da ideia de compostagem (Haraway), onde os textos e referências do grupo vão se atravessando mutuamente e são absorvidos e reelaborados nas escritas individuais. Cada trabalho busca articular as questões coletivas do curso – relacionadas às escritas de si e aos desafios éticos nisto implicados – com as questões particulares de cada pesquisa. No caso deste trabalho, estou interessado no cruzamento dos estudos queer com minha prática docente na educação básica. Como um corpo queer ministra aulas de teatro na atualidade? Quais são seus desafios e potências?

Palavras-chave: Compostagem; Estudos queer; Autoficção.

Abstract

The present work arises as part of the subject "Scenic Rewritings and the Critique of Ethical Violence in Counting Oneself," taught by Prof. Dr. Martha Ribeiro at PPGAC UFRJ, in the second half of 2025. Throughout the course, the group of researchers had the chance to write through the idea of composting (Haraway), where the texts and references of the group cross each other and are absorbed and reworked in individual writings. Each work seeks to articulate the collective questions of the course - related to the writings of itself and the ethical challenges involved in it - with the particular issues of each research. In the case of this work, I am interested in the intersection of queer studies with my teaching practice in basic education. How does a queer body teach drama classes today? What are its challenges and powers?

Keywords: Composting; Queer studies; Autofiction.

[1] Artista da cena com atuação nas áreas de performance, encenação, dramaturgia, atuação e pedagogia teatral. É Mestre em Artes da Cena pelo PPGAC Unirio (2022), com investigação no campo da autoficção. Tem graduado em Licenciatura Teatro pela Unirio (2018) e leciona na educação básica desde 2010. Atualmente, cursa o Doutorando no PPGAC UFRJ. E-mail: ivansantosfaria@gmail.com.

No fim do mundo uma Escola.

Nesta Escola, um professor.

De Teatro.

Ele e suas turmas.

De Teatro.

Um Teatro do Fim do Mundo.

Toda a cena que se desenrola está focada na ideia de sobrevivência.

Exaustão, escassez de recursos, altos níveis de tensão, vigilância extrema e dispersão dos coletivos dão o tom da fábula.

Um professor, quarenta crianças por turma, sirenes que tocam sem parar fazendo todos marcharem, cinquenta minutos por semana para tentar mudar alguma coisa. NINGUÉM ESTÁ TENTANDO MUDAR MAIS NADA, A PRIORIDADE É TENTAR SOBREVIVER. Vivemos a Ficção Científica.

Neste cenário, um professor precisa ir se transformando para tentar cumprir seu objetivo de personagem: permanecer vivo.

Atualmente, o que tem me convocado ao pensamento e reflexão nas minhas práticas artísticas, pessoais, de sala de aula e de pesquisa em artes é o atravessamento da minha performatividade queer na instituição escolar. Para usar o termo de Judith Butler, o que tem me interpelado é o meu corpo queer em sala de aula. Esta questão se faz complexa pois ela lida com a minha opacidade enquanto sujeito, Butler, novamente. Esta única questão carrega muitas camadas e variantes: questões pessoais, afetivas, políticas, de classe, geográficas, de micro e de macro política.

Este diário busca partilhar algumas dessas reflexões diante deste tema.

***

Pensemos a escola como um bioma.

A topografia dos edifícios escolares, com seus pátios, corredores, grades, muros, portões, salas enfileiradas, mesas e cadeiras enfileiradas dentro das salas enfileiradas.

Bibliotecas, cantinas, pátios. Eventualmente um teatro.

O clima é preferencialmente hostil. De vigilância. Inspetores e mesmo câmeras observam sem parar. Ondas de calor, frio e chuvas, são contidas. Nenhuma intervenção externa deve atrapalhar o bom funcionamento da fábrica de cérebros. Nas instituições com acesso aos recursos (público ou privado), a profusão de aparelhos de ar-condicionado. Climatização fundamental para o ambiente de aprendizado, sem dúvida. Mas se até o ar está condicionado, com um caminho certo a percorrer, o que dizer dos corpos e mentes? Em vez de mais árvores e janelas, instalaram mais aparelhos de ar-condicionado. É coerente.

A flora é pouco presente. Antes, marcada por grandes árvores como mangueiras e amendoeiras e mesmo pomares em algumas instituições. Hoje, vemos crescer os gramados sintéticos, pequenos jardins planejados pelo paisagismo e o concreto que cobre a maior parte do solo.

A fauna que se estabelece é aquela que tenta sobreviver neste cenário. Professores, coordenadores, supervisores, estagiários, funcionários de limpeza, manutenção, vigilância, merendeiras, bibliotecárias, as famílias dos estudantes e os estudantes.

Neste bioma inóspito, que também é o cenário do nosso Teatro do Fim do Mundo, os personagens que compõem a fauna têm funções bem específicas. Ocorre, porém, vez ou outra – com mais frequência do que se imagina – que alguns desses personagens não ficam confortáveis na função que lhes foi designada e começam a querer furar o sistema.

Este é o caso do autor deste escrito. Um educador que, para manter-se vivo e driblar o sistema buscando operar dos modos como julgava ético, foi precisando se metamorfosear. Um corpo docente mutante e divergente.

Neste cenário, não deixa de ser curioso observar que as crianças e jovens ainda explodem em sua potência de vida. Exuberante, caótica, abundante, diversa. Crianças que choram, brigam, gritam, reclamam a bola, defendem seu grupo, correm mesmo nos lugares não autorizados. Quanto mais novas as crianças, mais exuberantes em sua vitalidade. Alguns adultos também, mas estes pelejam mais. É deslumbrante observar como a vida acha caminho, mesmo nos ambientes mais inóspitos, como o deserto.

***

Tenho ido trabalhar com minhas unhas pintadas, cabelo comprido solto, brincos grandes, roupas estampadas. Uma vez, fui com uma calça saruel. Dessas meio indianas. As crianças perguntaram: é uma saia? Eu respondi: não, mas podia ser. Uma das meninas disse que era a calça do Samuel, um trocadilho. E depois desse dia, toda aula ela me pergunta: cadê a calça do Samuel? Sempre que lembro, vou com essa calça no dia que dou aula para essa aluna.

Faz algum tempo que decidi que minha principal função na escola – minha missão mesmo – é a desobediência de gênero. Ofertar para as crianças outros modos de estar no mundo. Ser mais uma opção de corpo, voz, gestual, para ampliar o horizonte deles. Desde meu último Romance, tenho me autorizado a isso. Já era um projeto antigo. Ele tem cabelos longos, cacheados, armados. Uma fera, um sertanejo – ele diz. Usa brincos grandes, olhos pintados, roupas de brechó que não se diz ao certo o gênero. Roupa não tem gênero. Eu sou louco por ele. De amor. De paixão. Foi ele quem me deu coragem para começar a me vestir como eu queria no espaço de trabalho. Para cumprir essa missão a qual eu me propus. Mas também para chegar mais perto de mim. O amor dá coragem. "E o que a vida quer da gente é coragem", já ensinou Guimarães Rosa.

As primeiras vezes que fui de unha pintada as crianças olhavam e cochichavam escondidas. Até que uma delas teve coragem de perguntar: Professor, você pintou as unhas? Sim, vocês gostaram? E começamos a conversar. Elas queriam saber se eu mesmo tinha pintado, quais cores eu gostava, se eu tirava a cutícula – não! –, porque eu pintava cada unha de uma cor. As meninas ficavam mais interessadas, mas em geral, sinto que a cor atrai todas as crianças. Com tanto uniforme, cronograma, fila, tarefa, sinto que a escola precisava de mais cor.

ESTA É UMA MUTAÇÃO DO CORPO DOCENTE. Toca a sirene vermelha.

O professor de calça jeans todo abotoadinho vai aos poucos se transformando numa Sereia. Para colorir, para encantar, para dar passagem aos estados de emoção. Para afetar e ser afetado como imagem, corpo, presença. O que de melhor a educação pode nos dar é presença. O convívio, o estar junto. E nesse conviver, partilhar experiências de vida. Os currículos, os parâmetros, as métricas de avaliação de professores e alunos, os formulários e reuniões infindáveis, acabam por objetificar nossa presença e vigiar nossos corpos. A sala

de aula se torna uma cena neurótica em que alunos e professores se vigiam mutuamente. Cada qual com seus recursos. Movidos principalmente pelas dinâmicas da tensão, da ameaça e das barganhas.

Às vezes vou vestido de calcinha para a escola. Eles não sabem. É uma subversão silenciosa. Mas muito poderosa. Colada no meu corpo, roçando peles íntimas, a renda, a seda, os lacinhos reorganizam meu caminhar, minha respiração, meu fluxo de movimento. Vou ao banheiro e lembro: sou um subversivo.

Quando chego em casa, lavo minhas calcinhas no banheiro e lembro de minha mãe repetindo esse mesmo gesto. Manusear as calcinhas me conecta com as mulheres que me criaram: minha mãe, avós, professoras. Toda uma ancestralidade. O tempo, a paciência, os métodos, as renúncias. Toda uma ancestralidade. Lavar minhas calcinhas no banho se tornou parte da minha higiene. Lavo e esfrego a pele da Sereia para tirar as decepções e o cansaço com o sistema. Depois, ponho para secar ao sol para ficar reluzente de novo.

É a Sereia também quem desobedece aos gêneros: um professor gay de calcinha em horário de expediente. O que será que a coordenação diria? Será que existe alguma legislação que regula o uso de roupas íntimas? Na escola onde trabalho tem um código de vestimenta, mas não diz nada sobre roupas íntimas. Talvez eu pudesse sugerir essa pauta: roupas íntimas, use aquela que te fizer feliz, aquela que te deixe bem consigo.

Quando bem-estar, felicidade, alegria forem os parâmetros da escola, aí então eu volto a olhar os currículos e cronogramas. Por enquanto, tenho feito minhas anarquias pontuais.

A Sereia vem para desestabilizar essa realidade escolar. Ela canta, dança, flutua pela sala e as crianças sabem vê-la. Entre o Ser e o que ele Seria nada uma Sereia de múltiplas possibilidades.

***

O professor de teatro vai ao show de Maria Bethânia. O professor de teatro vai ao show de 60 anos de carreira de Maria Bethânia, acompanhado do seu Romance – para quem ele deu o ingresso como presente de aniversário. O professor de teatro fica tão emocionado com o show que decide dar uma aula sobre a cantora. Ele prepara o material, separa as músicas, os poemas, estuda o tema. Em aula, ele mostra o programa do show e

pergunta para as crianças: quem é ela? Algumas sabem, outras não. Alguém viu um outdoor no caminho para a escola. De onde ela é? Vários chutes. Até que um dos meninos: ela é baiana! Como você sabe? As pulseiras e a saia rodada. Lá na Bahia elas usam assim. Ao menos um olhar atento. Não é caricato. Bethânia não é nada caricata. Ele faz associações firmes. É o mesmo menino que ficou hipnotizado com os vídeos da Judy Garland que eu mostrei semanas antes. É nele que penso quando preparo as aulas. É para a minha criança que via Judy Garland que preparo as aulas.

"Não mexe comigo". Boto para tocar a canção. Sobre o que é a música? É sobre várias religiões: caboclos, Xangô, menino Deus, pajés, o cordão de Gandhi. "Não mexe comigo que eu não ando só". Ela está protegida, dizem. A turma dança entendendo o ritmo e nem todo o texto. O ritmo diz muito aos corpos, diz é tudo mesmo – arrisco pensar. O ritmo põe os corpos em fluxo e isso é o pensamento.

Mostro uma foto da cantora que tem no programa do show. Foto em preto e branco, grande, de página dupla. Corpo inteiro. Ela inteira, um dos pés sobre o banco. Branco. Toda de branco. Os cabelos brancos longos. A veste esvoaçante branca. Uma bata por sobre calças largas. Pulseiras, anéis, guias – acho que são guias no pescoço, não sei ao certo. E o olhar. O olhar para cima, como quem olha pra frente. Olhos pintados. Fortes. O sorriso de canto de boca. Presente, firme, certeiro.

Ao lado da foto, uma citação: "não se compreende música: ouve-se. Ouve-me então com teu corpo inteiro". Clarice Lispector, *Água viva*.

Uma das meninas, a menorzinha de todas, arregala os olhos: ela é uma Água Viva! "Puff". Faz o som com a boca e os dedos das mãos explodindo no ar. Um momento de eureca para a jovem artista.

Bethânia é Água Viva. A menina de 10 anos descobre flecheira o que os críticos e eruditos costumam demorar para entender.

O que a turma não sabia, é que o professor tinha ido ao show com seu Romance Gay. E que a aula toda era uma declaração de amor. De paixão. Um desejo de sacudir. A turma dança entendendo o ritmo e nem tanto o texto. O ritmo diz muito aos corpos. Eles podem não saber, mas entenderam.

Dançar, dançar, dançar.

ESTA É UMA MUTAÇÃO DO CORPO DOCENTE. Toca a sirene vermelha.

***

Água viva. Corpo disforme. Vazante. Água mais morta do que viva.

Quando saio da escola, depois de tantas horas de aula, tantos alunos, reuniões, planejamentos, visitas ao almoxarifado, organização dos materiais, depois de tantos sinais sonoros, tantos gritos, …, saio um corpo disforme.

ESTA É UMA MUTAÇÃO DO CORPO DOCENTE. Toca a sirene vermelha.

Depois que você dá tudo de si, ao cruzar os muros da escola o corpo cobra o preço e desmorona. Todo o meu ser se derrete, vaza pelo asfalto da cidade e escorre até chegar em casa.

Eu me lembro que desde o início da minha vida docente foi assim. Nos meus primeiros anos de trabalho, eu chegava em casa, tirava os sapatos de qualquer jeito, largava a bolsa no chão e DESMAIAVA no sofá da sala. Eu não tinha forças para comer, para tomar banho, nem mesmo para dormir propriamente na minha cama. Quando me refiro a desmaio é sobre um estado vegetativo latente. Os corpos físico, mental e espiritual trabalharam tanto que precisam de um tempo para se equalizar.

Hoje, com o avanço da tecnologia, é tudo mais fácil. O corpo disforme se dissolve como uma cola, uma geleca e você nem precisa esperar chegar em casa para derreter. Já vai assim mesmo pelo caminho. Ajuda também a economizar no transporte porque a geleca vai caminhando por si, sem vontade, como um zumbi, nem precisa de ônibus, trem, metrô. É ótimo. Sinto que os avanços da tecnologia contribuíram muito para a rotina nas escolas. Com essa nova função nos aplicativos de inteligência artificial.

***

Deitado no meu sofá, corpo disforme, desmaiado pelo mundo, é preciso lembrar que a Escola é um lugar muito precioso e importante. A crítica não é um desejo de destruição deste espaço, ao contrário. A crítica à Escola é uma defesa feroz deste espaço que deveria oportunizar acesso igualitário e indiscriminado à produção de conhecimento, às necessidades básicas de alimentação, segurança e higiene. E firmar compromisso com a

alegria, com a felicidade, com a vida.

***

Certa vez, levei para a sala de aula um frasco de talco desses antigos. Quando você levanta a tampa, tem uma esponja que serve para aplicar o talco no corpo. Esse frasco pertenceu à minha avó. Levei o objeto na proposta de um objeto relacional para pensarmos em como dançar com o talco.

Introduzi a atividade com a seguinte narrativa:

A casa da minha infância é a casa dos meus avós por parte de mãe. Eu passava muito tempo lá. Naquela época a minha vó já era falecida, mas o meu avô mantinha a casa como se ela ainda estivesse lá: com todas as coisas dela no lugar. Se você abrisse o armário as roupas dela estavam lá. O quarto de costura permanecia montado. E as imagens de Cosme e Damião no final do corredor ele continuava alimentando com bolo e doces. Eu lembro que no quarto dele, que era o quarto do casal, tinha uma cômoda e em cima daquela cômoda ficava um frasco de talco que tinha sido da minha avó. Este.

Desembrulha solenemente o volume tirado da caixa. Exibe o objeto.

É um frasco do talco perfumado para banho PROMESSA da marca MYRURGIA.

Essa era uma marca espanhola mas que passou a ser produzida no Brasil. A caixa tem esse tom rosa claro, friso dourado. Na tampa, tem essa ilustração, também dourada, com duas mulheres em traje de festa e um homem. A tampa apresenta algumas manchas em função do tempo, mas o conjunto está em bom estado. No fundo da caixa, tem a inscrição: "Promessa / talco para banho / Myrurgia / Barcelona – Rio". O conjunto de caixa e tampa são originais. O talco e a esponja que estão dentro, não. O item é provavelmente do ano de 1989, ano em que a minha avó faleceu em decorrência de uma cirurgia do coração.

De dentro da caixa, pega o diário. Mostra.

Meu pai mantinha um diário meu de bebê e tem uma inscrição nele que diz (*lê o diário*):

> 17 do 11 de 89.
> A avó faleceu, mas até agora não foi dito para ele e sim que ela está no médico. Ele não pergunta, mas às vezes pega o telefone e fala com ela.

Minha avó tinha morrido dois meses antes, em 27 de setembro, dia de São Cosme e Damião. Eu tinha 3 anos de idade. Eu não lembro dela.

Entra o samba-canção "Abandono", cantado por Angela Maria. O performer começa a passar o talco no corpo. Inicia uma dança com a esponja e com o pó de talco que esvoaça ao seu redor. Passado um tempo, entra um áudio gravado. Durante esse áudio, o performer sai de cena e deixa o palco só com a fumaça do talco.

O talco que está aqui dentro não é mais o que ela usava. A empresa faliu. Se eu tivesse o talco que ela usava, com o cheiro dela eu fico imaginando que eu ia poder passar ele no meu corpo e dançar com a fumaça que ia se formar ao meu redor, como se eu tivesse dançando com ela. Mas eu não posso. Mas eu não posso. Mas eu não posso.

O palco já está vazio, só com o pó de talco. A música vai sumindo lentamente. Pausa.

(Ao microfone) Alô, Vó? Aqui é o Ivan, seu neto. ... Tudo bem? ... Tem tempo que a gente não se fala, mas às vezes eu rezo pra senhora. ... Aqui tá tudo bem. ... A minha mãe tá bem, eu só acho que às vezes ela é triste demais. Eu formei em teatro, vó. ... É. ... Às vezes eu fico muito feliz com isso, às vezes eu tenho medo. ... Eu tô fazendo essa peça, vó, e tem uma cena que é sobre a senhora. Eu espero que a senhora não fique brava. Eu acho ela bem bonita. ... Vó, eu queria falar pra senhora que eu... eu... namoro rapazes... Queria que a senhora não ficasse brava. Porque não muda nada. A gente continua se gostando igual. Tá bom? ... Eu preciso ir, agora. Bença, vó. Tchau. (*Desliga*)

Escurece.

***

Acordo suando no meio da noite. Foi mais um sonho com a escola. Nunca tive coragem ou espaço para conversar abertamente com meus alunos sobre minha sexualidade e as memórias afetivas que envolvem esse tema. A história do talco que vi no sonho é a cena de uma peça que escrevi, uma fabulação sobre minha trajetória de jovem e menino gay. Caco de Vidro é o nome. Até hoje, não consegui montar a peça.

***

De dentro da minha prática docente, várias vezes me pergunto quais são as narrativas, as histórias que carrego comigo. Como diria Diana Taylor: qual o meu repertório? Quais os traçados que já carrego marcados em meu corpo para operar minha jornada de educador? Abro minha bolsa de ficções (Le Guin) e começo a puxar o fio. O fio da jornada e da vida que vai amarrando nossas histórias. Sim, porque, histórias carregam histórias. Uma puxa a outra.

Puxo a ponta do barbante, o mais longe que consigo lembrar: *Os saltimbancos*, de Chico Buarque, Bia Bedran, *Castelo Ratimbum*. Puxo mais um pouco o barbante: desenhos animados dos anos 1990, programas de TV, Xuxa, os Trapalhões, lendas brasileiras, canções de Caetano, a Bossa Nova, a Tropicália, filmes de Hollywood, *Turma da Mônica*, *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, contos de fadas, … Percebo que preciso também rever algumas de minhas referências e pensar se devo mantê-las em minha bolsa de ficção e de que modo.

Uma das ficções que percebo que me marca de modo significativo é a história da Cinderela. Como menino gay, o conto de uma moça que se sente estrangeira e solitária dentro da sua própria casa, que não é vista, que não tem pares, é uma história com a qual me identifico. Desde sempre. Hoje, porém, me dou conta de que os modos como essa mocinha foi operando os seus caminhos, buscando o casamento, o príncipe, a salvação pelo amor, são movimentos dos quais precisamos desconfiar.

O barbante da memória e do repertório vai sendo puxado da bolsa de ficções e em certo momento ele ganha vida. O barbante é ele próprio uma ficção, uma narrativa em si. Percebo que não ele próprio dança, canta e conta suas histórias. Não posso apagar minhas memórias, minha trajetória. Por mais que diversos elementos precisem de revisão. Ao invés de esconder a Cinderela para baixo do tapete, preciso ressignificar essa história.

***

SEJA A SUA PRÓPRIA FADA MADRINHA

A Cinderela ficou ali parada esperando alguém que viesse resolver os problemas dela num passe de mágica, como uma fada madrinha. Mas nunca chegou ninguém. Ela já tinha chorado, gritado, estava toda rasgada, e percebeu que se quisesse sair daquela

situação era ela quem ia ter que fazer alguma coisa.

Ela começou então a catar os próprios cacos e foi quando encontrou seu sapatinho de vidro, tinha se quebrado naquela confusão. Ela achou curioso de ver que aquele mesmo sapatinho que tinha apertado ela, agora parecia mais uma faca, um punhal. Até mesmo uma varinha de condão. Foi quando ela viu que podia ser a sua própria fada madrinha.

Hoje o meu barbante de memórias, que amarra as histórias dentro da minha bolsa de ficções, ele dança comigo. Acolhendo a trajetória, mas atento para não perpetuar narrativas de opressão, machismo, dominação e submissão. Minha Cinderela agora busca ser sua própria fada madrinha. E assim, danço com meu barbante de memórias. Seja na minha vida pessoal, seja nos espaços de trabalho: em relação aos estudantes, suas famílias, meus colegas de trabalho e em relação à própria instituição.

Penso essas operações como uma prática de montação, como no mundo das Drag Queens. Lembro de Isabelita dos Patins, grande ícone do mundo Drag. Maquiagem exuberante, muito brilho, leque em mãos e tudo isso sobre seus patins. Dançando com a vida.

Referências da disciplina

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução de Bhuvi Libânio. Recife: Cepe, 2020.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LE GUIN, Ursula K. The carrier bag theory of fiction. *In*: LE GUIN, Ursula K. **Dancing at the edge of the world**: thoughts on words, women, places. New York: Grove Press, 1989.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. Tradução de Luciana Chieregati e Vivian Chieregati Costa. Introdução de Juliana Fausto. Posfácio de Luciana Chieregati. São Paulo: n-1 edições, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RIBEIRO, Martha. Interromper o espetáculo: o gesto político e estético das emoções. **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 49 – 72, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/41744. Acesso em: 07 mar. 2026.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

Submetido em: 10 mar. 2026
Aprovado em: 22 jul. 2026